

# **O processo de aprendizagem da criança dislexa**

**SILVA, Lorena da - [lorena.dsilva@outlook.com](mailto:lorena.dsilva@outlook.com)  
ABRANCHES, Maria Alice - [mariaaliceabranche@hotmail.com](mailto:mariaaliceabranche@hotmail.com)**

**Curso de Pedagogia  
Faculdade Presidente Antônio Carlos de Ubá  
Ubá- MG/ Novembro/2016**

## **Resumo**

Um dos maiores desafios tanto para a escola, quanto para educadores e demais profissionais, sobretudo para o país é a grande quantidade de crianças que apresentam distúrbios de aprendizagem, especificamente o distúrbio de linguagem de dislexia que interfere no desempenho da criança no ambiente escolar. A criança dislexa apresenta significativas dificuldades na aprendizagem da leitura e na aquisição da escrita, resultantes de um déficit fonológico. A problemática deste trabalho se situa em como ocorre o processo de aprendizagem da criança dislexa. O presente estudo teve por objetivo principal analisar como ocorre o processo de aprendizagem da criança dislexa em um Centro de Atendimento Especializado, e ainda, compreender a atuação dos profissionais, verificar as metodologias adotadas, verificar os recursos didáticos disponíveis e analisar o resultado alcançado pela criança dislexa na aprendizagem dos conteúdos. A pesquisa de abordagem qualitativa foi realizada em um Centro de Atendimento Educacional Especializado da cidade de Ubá MG e o instrumento que serviu de base para a investigação foi um questionário semiaberto aplicado a 19 profissionais. Vários autores citam a dislexia como sendo um distúrbio que afeta a aquisição da leitura e escrita, para entender melhor a temática, o estudo baseou-se em autores como Farrell, Ellis, Fonseca e Cunha, dentre outros que abordam a temática e estudos em relação ao tema. Os resultados revelam que os profissionais utilizam vários métodos e recursos no processo de aprendizagem da criança dislexa. Com base nisso, os profissionais apresentam certo conhecimento em relação à dislexia, em como intervir frente a uma criança dislexa e buscam formas e metodologias diferenciadas em suas atuações.

Palavras-chave: Dislexia. Aprendizagem. Atendimento Educacional Especializado. Professores.

## **Abstract**

One of the biggest challenges for both the school and for teachers and other professionals, especially for the country is the large number of children with learning disabilities, specifically dyslexia language disorder that interferes with the performance of children in school. The dyslexic child has significant difficulties in learning to read and the acquisition of writing, resulting from a phonological deficit. The problem of this work lies in how is the learning process of the dyslexic child. This study was meant to examine how is the learning process of the dyslexic child in a Center for Specialized Care, and also understand the work of professionals verify the methodologies adopted, check the available teaching resources and analyze the results achieved by the child dyslexic learning content. The qualitative research was conducted in a Specialized Educational Service Center of the city of Ubá MG and the instrument that served as the basis for research was a semi-open questionnaire applied to 19 professionals. Several authors cite dyslexia as a disorder that affects the acquisition of reading and writing, to better understand the issue, the study was based on authors like Farrell, Ellis, Fonseca e Cunha, among others related to the thematic and studies on the theme. The results reveal that the professionals use various methods and resources in the learning process of the dyslexic child. Based on this, the professionals have some knowledge regarding dyslexia, how to intervene before a dyslexic child and seek different ways and methodologies in their performances.

Key-words: Dyslexia. Learning. Educational Service Specialist. Teachers.

## 1. Introdução

Nos últimos anos, verifica-se uma grande quantidade de crianças que apresentam distúrbios de aprendizagem, buscar minimizar esta questão é um dos maiores desafios tanto para as escolas, quanto para profissionais e, sobretudo para o país.

O distúrbio de aprendizagem é característica de um grupo de crianças que apresentam “dificuldades significativas na aquisição e utilização da compreensão auditiva, da fala, da leitura, da escrita e do raciocínio matemático” (FONSECA, 1995, p.71).

Há vários problemas de aprendizagem que podem interferir no desempenho da criança, dentro os quais se encontram da linguagem, que vêm contribuindo para o fracasso escolar no ensino de leitura e escrita. Neste contexto, o presente trabalho aborda especificamente o distúrbio de linguagem de dislexia.

A dislexia é um distúrbio que se manifesta na criança desde muito cedo no espaço escolar, sua maior incidência ocorre no sexo masculino. As deficiências vão sendo percebidas na medida em que a criança apresenta dificuldades na linguagem falada e escrita, representando uma grande preocupação para o educador.

Cunha (2013) afirma que a dislexia é um transtorno da aprendizagem de origem neurobiológica que afeta 10% da população mundial, caracterizada por manifestar diversas dificuldades nas diferentes formas de linguagem. Problemas de leitura, de aquisição e capacidade de escrever e soletrar são alguns dos problemas que essa disfunção apresenta.

De acordo com a Associação Brasileira de Dislexia (ABD), “a dislexia é caracterizada pela dificuldade no reconhecimento preciso e/ou fluente da palavra, na habilidade de decodificação e em soletração. Essas dificuldades normalmente resultam de um déficit no componente fonológico da linguagem e são inesperadas em relação á idade e outras habilidades cognitivas”.

Fonseca (1995, p.329) esclarece utilizando as ideias da Federação Mundial de Neurologia, do Grupo de Investigação de Dislexia Evolutiva e do Analfabetismo no Mundo, que “dislexia trata-se de uma desordem (dificuldade) manifestada na aprendizagem da leitura, independentemente de instrução convencional, adequada inteligência e oportunidade sociocultural”.

A problemática deste trabalho se situa em como ocorre o processo de aprendizagem da criança dislexa. Considera-se que este estudo poderá contribuir para educadores e responsáveis compreenderem como se deve lidar com crianças dislexas, e também colaborar para o desenvolvimento dessas crianças. Assim, acredita-se que existe despreparo e

desconhecimento de responsáveis e educadores sobre crianças que apresentam distúrbio de aprendizagem na linguagem, especificamente a dislexia, bem como no processo de aprendizagem dessas crianças.

Tem-se como objetivo analisar como ocorre o processo de aprendizagem da criança dislexa em um Centro de Atendimento Educacional Especializado. E ainda, compreender a atuação dos profissionais frente a criança dislexa, verificar as metodologias adotadas, analisar o resultado alcançado pela criança dislexa na aprendizagem dos conteúdos na concepção do professor e verificar os recursos didáticos disponíveis para o trabalho com crianças dislexas.

O diagnóstico da criança dislexa deve ser feito o mais rápido possível, para que haja uma intervenção pedagógica adequada. Estas crianças precisam ser estimuladas nas áreas prejudicadas, propiciando condições que sejam promissoras para a evolução do aprendizado da criança.

## **2. Referencial Teórico**

A escola é um espaço privilegiado de produção de conhecimentos que levam à construção da cidadania.

De acordo com Cunha (2013), todos os educandos tem direito a educação, independente de suas limitações ou necessidades educacionais. É importante ressaltar a construção de um currículo que seja voltado para a cultura dos educandos, que parta de seu cotidiano, de seus aspectos afetivos, sociais e pedagógicos. Para Signor (2015, p.993),

É preciso que seja considerada, evidentemente, a questão da diversidade manifesta entre os estudantes, pois nem todos desenvolvem as mesmas habilidades e ao mesmo tempo. É importante que cada aluno seja avaliado conforme as suas possibilidades (e avanços) e que não seja comparado aos demais.

Durante a prática escolar de sala de aula, podem ocorrer vários problemas de aprendizagem que resultam de diversos fatores e interferem no desempenho escolar da criança. Neste contexto, se destacam as dificuldades de aprendizagem e os distúrbios de aprendizagem.

Fonseca (1995, p.74) afirma que as dificuldades de aprendizagem são “[...] um conjunto de condições e problemas heterogêneos e de uma diversidade de sintomas e de

atributos que obviamente subentendem diversificadas e diferenciadas respostas clínico-educacionais”. A criança com dificuldades de aprendizagens não é deficiente, é uma criança com inteligência normal que aprende de forma diferente.

Gonçalves e Crenitte (2014, p.818) afirmam que “o Distúrbio de Aprendizagem é uma disfunção do sistema nervoso central. Portanto, um problema neurológico relacionado a uma falha na aquisição, no processamento, ou ainda, no armazenamento da informação [...]”. Oliveira, Cardoso e Capellini (2012, p. 202) afirmam que:

A dislexia é um distúrbio específico de aprendizagem de origem neurológica, caracterizada pela dificuldade com a fluência correta na leitura e dificuldade na habilidade de decodificação e soletração, resultantes de um déficit fonológico da linguagem.

As dificuldades de leitura e escrita surgem ao longo da escolarização, comprometendo a aprendizagem e todo percurso escolar da criança, estas dificuldades representam uma preocupação no espaço escolar.

Segundo Fonseca (1995), as crianças com dificuldades de leitura apresentam características globais de comportamento como problemas de lateralização e de orientação, de noção do corpo, de orientação no espaço e no tempo, de coordenação de movimentos, de memória, grafismos e de expressão oral.

Oliveira, Cardoso e Capellini (2012), afirmam que o ato de ler compreende a diferenciação visual de símbolos gráficos através do procedimento de decodificação. A leitura pode ocorrer por intermédio fonológico que é a decodificação, a identificação grafema-fonema ou pelo processo visual direto que é o reconhecimento visual das palavras. E ainda esclarecem sobre a relevância da relação entre a habilidade fonológica e a aprendizagem da leitura pela criança iniciante. No entanto, se a representação fonológica não for assimilada corretamente, as crianças poderão apresentar dificuldades na aprendizagem da leitura. Dessa forma, a leitura envolve tanto o processamento visual quanto o fonológico. Cunha (2013, p.111) afirma que:

A nossa relação com a linguagem nos faz passar pelas seguintes etapas: processamento, análise, reconhecimento e memorização de fonemas. Na dislexia, há déficit na análise e no reconhecimento e, como consequência, não há correta

memorização. Desta forma, o estudante começa a ler um texto e, antes de terminar um parágrafo, já não consegue compreender o que leu.

Aprender a ler é um processo demorado, aprender a falar já é o oposto, envolve um sistema cerebral natural, surge através de um processo de imitação, sem qualquer instrução, enquanto ler envolve uma enorme quantidade de tempo. Fonseca (1995, p.321) esclarece que:

A dificuldade de aprender a ler, porém, é muito maior do que a dificuldade de aprender a falar, uma vez que a apropriação do segundo sistema simbólico subentende a apropriação do primeiro sistema simbólico, consubstanciando, conseqüentemente, uma hierarquização de sistemas.

Farrell (2015) esclarece que para esses fatores incluem identificar, observar e avaliar diferentes situações, tais como, se a linguagem expressiva da criança revela erros, omissões ou outras dificuldades; se a criança tem dificuldade em compreender a fala; se há dificuldade de discriminação, sequencialização, combinação e segmentação auditiva; se apresenta dificuldade inadequada à idade para discriminar letras que parecem as mesmas ou que são as mesmas, mas tem formas diferentes; que omite ou transpõe parte de uma palavra; dificuldade em uma série de tarefas motoras finas e amplas, como na escrita manual entre outras.

A dislexia se inclui na área de dificuldade de aprendizagem de leitura, geralmente sendo diagnosticada no processo inicial de escolaridade. Fonseca (1995, p.328), explica a origem da palavra “dis, que significa no fundo pobre ou inadequada aprendizagem, ou fraca apropriação de aquisições, e lexia, que significa linguagem escrita”.

Fonseca (2009, p.340), afirma que “a dislexia pode se manifestar no indivíduo, ao longo da vida, independentemente de adequada oportunidade de aprendizagem, e da sua intrínseca integridade sensorial (input), mental (integração/ elaboração), motora (output) e comportamental”.

E esclarece ainda que a dislexia inicia durante o período escolar de alfabetização e no decorrer da aprendizagem da leitura começa a apresentar problemas em relação à identificação de fonemas e grafemas. Independentemente da inteligência da criança dislexa, a aprendizagem da leitura não ocorre no tempo adequado ou esperado. Assim, a dislexia afeta o domínio fonológico da linguagem. Dourado, Schmid e Chiappetta (2005, p.415), esclarecem que:

A primeira dificuldade a se manifestar em crianças com dislexia do desenvolvimento aparece na decodificação grafema-fonema. Em função desta dificuldade, a leitura de palavras isoladas fica prejudicada, por isso os disléxicos apresentam menor índice de erros na leitura de palavras em contexto em relação à sua apresentação isolada, uma vez que no texto eles utilizam mais o acesso semântico. Além das dificuldades fonológicas, os disléxicos também podem apresentar outras manifestações, dentre elas, distúrbio de memória, problemas de orientação espaço-temporal, distúrbios de lateralidade e de percepção visual.

De acordo com Gonçalves e Crenitte (2014), a dislexia é uma neurodisfunção na qual a criança apresenta um rendimento inferior ao que se espera por sua idade mental, afetando a sua decodificação e compreensão em relação à leitura.

Signor (2015, p.974), esclarece que a dislexia “resulta de um déficit no componente fonológico da linguagem e são inesperadas em relação à idade e outras habilidades cognitivas”.

Cunha (2013, p.112), indica que a dislexia se manifesta em diferentes formas de linguagem: “leitura de palavras, pronunciamento de palavras, aquisição de proficiência em ortografia e escrita”.

Dourado, Schmid e Chiappetta (2005, p. 415), definem a dislexia como “um distúrbio intrínseco que ocorre apesar de uma inteligência normal, instrução escolar adequada, oportunidades socioeconômicas, ausência de déficits sensoriais, distúrbios neurológicos graves e problemas psicoafetivos primários”.

Conforme Fonseca (1995), as crianças que são dislexas podem apresentar mais dificuldades em aprender a falar do que as crianças que não são dislexas. E ainda, o processo de leitura possui propriedades e qualidades como totalidade, interdependência, hierarquia, autorregulação e controle, intercâmbio com exterior, equilíbrio, adaptabilidade e equifinalidade, assim, implica a participação de subprocessos visuais, auditivos e cognitivos. Dessa forma, a dislexia surge composta por outros vários problemas justificando assim, a falta de aquisição humana na manipulação do processo simbólico.

Ellis (1995, p.124), afirma que “os disléxicos têm problemas na conversão da palavra escrita para a fala e vice-versa, mas que sua compreensão da linguagem é normal para sua idade e capacidade geral”.

Orton (1937, apud, FONSECA, 1995), faz uma descrição original da criança disléxica explicando que elas apresentam percepção visual normal, leem melhor quando o texto está

invertido no espelho, apresentam ambidestria e gaguez, apresenta uma alta frequência de canhotismo, os familiares apresentam frequentemente desordens de aprendizagem, apresentam talentos espaciais originais, apresentam problemas psicomotores, podem ter frequentemente problemas emocionais, apresenta predisposição masculina e é mais comum em linguagens escritas. Farrel (2015, p.32), afirma que “Entre os fatores associados à dislexia estão às dificuldades fonológicas, dificuldades de processamento da informação, memória e coordenação, dificuldades organizacionais, problemas de sequencialização e orientação, dificuldades visuais e de processamento auditivo”.

Há uma grande quantidade de autores que esclarecem sobre os diversos tipos de dislexias. Pestun, Ciasca e Gonçalves (2002, p.329), afirmam que:

Dislexia do desenvolvimento é disfunção do sistema nervoso central, frequentemente de origem constitucional, caracterizada pela dificuldade na aquisição ou no uso da leitura e/ou escrita, que acomete crianças com inteligência normal, sem déficits sensoriais, com instrução supostamente adequada e na ausência de problemas físicos ou emocionais significativos.

Ellis (1995), esclarece que a dislexia pode ser representada pela dislexia fonológica e de superfície. Dentro elas existem subcategorias que são a dislexia disfonética (tipo fonológica) e dislexia diseidética (do tipo superfície). Pestun, Ciasca e Gonçalves (2002, p.329), afirmam que:

Os disléxicos disfonéticos leem bem as palavras que eles conhecem, ou seja, memorizam visualmente, mas não leem nem escrevem palavras que encontram pela primeira vez. Eles as adivinham, a partir do contexto e de indicações como a letra inicial ou a extensão da palavra, e cometem muitos erros de substituição semântica. Os disléxicos diseidéticos caracterizam-se por apresentarem uma leitura lenta, trabalhosa, mas correta, baseada na decodificação fonética. Leem tanto palavras familiares quanto não familiares, mas apresentam dificuldade em palavras irregulares.

De acordo com Guimarães (2004, p.290) “o termo dislexia adquirida é empregado para caracterizar um distúrbio de leitura encontrado em leitores adultos anteriormente capazes, causado por danos cerebrais, como por exemplo, um acidente cerebrovascular”. A abordagem da dislexia adquirida é descobrir qual parte do cérebro foi lesado, e também que

parte ou partes do processo normal de leitura foram danificadas ou perdidas. Ellis (1995), afirma que o dano cerebral pode afetar vários aspectos da leitura, fazendo com que exista uma variedade de formas de dislexia adquirida. Fonseca (1995, p.323), esclarece que:

Algumas crianças poderão ter dificuldades na leitura porque lhes faltam as predisposições da comunicação (drive), ou porque lhes faltam, ou estão disfuncionais, os instrumentos da linguagem, ou ainda porque ambos os aspectos estão afetados. São os chamados disléticos com isolamento social ou com perturbações sócio-emocionais, casos estes muito raros. A maioria dos disléticos, porém, apresenta uma capacidade normal para comunicar, e um desejo normal pelo contato humano, por isso é necessário observar quais os instrumentos ou os substratos neurológicos da leitura, recorrendo para esse efeito ao estudo das lesões cerebrais que afetam a leitura no indivíduo adulto que já a adquiriu.

Cunha (2013), afirma que as crianças dislexas possuem várias habilidades e, por isso, muitos apresentam talentos na arte, na música, no teatro e em outras áreas da atividade humana. Ainda de acordo com ele, o profissional deverá utilizar linguagens objetivas, ter contato visual com a criança, evitar o excesso de conteúdo, privilegiar as habilidades, e incentivar a criança.

Segundo Fonseca (1995), dentre os maiores desafios para a Dificuldade de Aprendizagem destaca-se a qualificação de profissionais diante desta complexidade; a reflexão de todos os profissionais de qualquer nível de ensino sobre os sinais que evidenciam algum tipo de disfunção específica da aprendizagem, nesse caso é essencial um diagnóstico multidisciplinar da criança; envolvimento educacional qualitativo, entre outros.

As crianças com distúrbios de aprendizagem devem ter intervenções pedagógicas adequadas a cada tipo de dislexia, de forma que possa adquirir informação e desbloquear suas dificuldades.

### **3. Metodologia**

No processo de construção desta pesquisa utilizou-se a abordagem qualitativa, de acordo com Sampieri, Collado e Lucio (2006) a pesquisa qualitativa dá abrangência aos dados, a interpretação, permite contextualizar o espaço, detalhar e experimentar, oferecendo um ponto de vista flexível.

Quanto ao método, utilizou-se o indutivo, partindo das premissas particulares para as universais, consistindo na observação dos fenômenos, na descoberta de relação entre eles e na

generalização dessa relação. Marconi e Lakatos (1992) afirmam que o primeiro passo é investigar os fatos ou os fenômenos e analisá-los, com a intenção de descobrir as causas, depois, associá-los com o objetivo de descobrir uma relação entre eles e finalmente, classificá-los, generalizando toda a relação observada.

Quanto à finalidade, a presente pesquisa é aplicada e quanto ao nível é descritiva, com o principal objetivo de investigar, comprovar ou rejeitar hipóteses, sem qualquer manipulação do pesquisador. Sampieri, Collado e Lucio (2006, p.102) afirmam que “os descritivos se centram em coletar dados que mostrem um evento, uma comunidade, um fenômeno, feito, contexto ou situação que ocorre”.

Quanto à tipologia, esta pesquisa é empírica com a finalidade de coletar dados a partir da realidade social e conforme os procedimentos, a pesquisa constitui-se de um estudo de campo. Marconi e Lakatos (1992) afirmam que se baseia na observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem na coleta de dados a eles referentes e no registro de variáveis que se pressupõe significativos, para analisá-los.

A população e amostra se constituem de um centro de atendimento educacional especializado (CAEE). A vista disso, o fator de inclusão se caracteriza por ser o único centro de atendimento educacional especializado do município de Ubá e o fator de exclusão não existe.

O instrumento que serviu de base para a investigação foi um questionário contendo 11 questões fechadas e 6 abertas (ANEXO 2). Marconi e Lakatos (1992), explicam que os questionários apresentam uma série de perguntas que são respondidas por escrito. E ainda que uma das vantagens da utilização deste instrumento é que pode atingir o maior número de pessoas e dentre as desvantagens é que retornam uma pequena porcentagem dos questionários e alguns, com grande número perguntas sem respostas.

Para a coleta de dados, primeiramente fez-se contato com a direção da instituição, solicitando autorização através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCL) (ANEXO 1) e explicando os objetivos da pesquisa e os seus procedimentos. A partir disto, ocorreu uma reunião com os profissionais com o objetivo de informá-los sobre a pesquisa e convidá-los a participarem da mesma.

Integra-se à população desta pesquisa um total de 24 profissionais atuantes no CAEE, destes, firmaram participação na pesquisa 19 profissionais através da assinatura do TCL e do preenchimento do questionário. Foi dado a eles um prazo de 3 dias para a devolutiva. Dos 19 profissionais, 6 fizeram a devolutiva no prazo estipulado e os demais solicitaram mais dois dias para a mesma.

De posse dos questionários, os dados coletados foram analisados, compilados e alguns transformados em quadros, textos e tabela, com o objetivo de possibilitar a discussão e apresentação dos resultados de forma mais clara e objetiva.

Quanto ao procedimento de divulgação dos dados, o trabalho de pesquisa será apresentado aos professores formadores da banca avaliadora de trabalho de conclusão de curso e posteriormente enviado para uma possível publicação científica.

Este artigo foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Fundação Presidente Antônio Carlos, através da Plataforma Brasil, sendo respeitados os procedimentos bioéticos, propostos pela Comissão Nacional de Saúde (resolução CNS nº466/12).

#### **4. Resultados e Discussão**

O universo desta pesquisa é o município de Ubá, localizado na Zona da Mata mineira, no estado de Minas Gerais. Este município compreende quatro distritos, com uma população aproximada de 101.519 habitantes (IBGE, 2010). O campo de pesquisa denomina-se Centro de Atendimento Educacional Especializado (CAEE), uma instituição pública municipal vinculada à Secretaria de Educação da referida cidade, tendo por objetivo proporcionar o atendimento especializado por meio de intervenções pedagógicas a crianças e jovens com dificuldades de aprendizagem e/ou com necessidades especiais.

Quanto à área de formação dos profissionais, sujeitos da pesquisa, é bastante diversificada, pois o CAEE oferta atendimento em diversas áreas, tais como: Pedagogia, Psicologia, Direito, Educação Física, Comunicação Social e Psicopedagogia. As áreas de pedagogia e psicologia correspondem ao maior número de profissionais, totalizando 6 de cada uma. Em relação à idade, a faixa varia entre 20 a 50 anos, prevalecendo a idade de 20 a 30 anos com catorze profissionais.

Dos dezenove sujeitos, dezesseis são do sexo feminino e três do sexo masculino. Destes, treze possuem curso superior incompleto, três possuem curso superior completo e três pós-graduação. A maioria atua na área da educação entre 1 a 5 anos e um possui uma experiência maior, com 20 anos.

Os profissionais foram questionados se durante a graduação tiveram formação específica na área de dislexia. Em resposta, dezoito afirmaram que não um que sim. E ainda, se tiveram formação extracurricular em dislexia, em resposta, treze negaram e seis afirmaram.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996), os sistemas de ensino devem assegurar a educandos com necessidades especiais, professores

habilitados com especialização em nível médio ou superior para atendimento especializado. Assim, percebe-se a necessidade dos cursos de formação educacional que viabilizem conhecimentos acerca do que é a dislexia e demais distúrbios de aprendizagem, como também, é de extrema importância os profissionais buscarem cursos de aperfeiçoamento que possam capacitá-los, visto que a dislexia representa um desafio para o profissional educador.

Quando questionados se receberam algum tipo de capacitação para atuar com crianças dislexas, doze responderam que sim, sete que às vezes. E ainda, quais capacitações estes profissionais recebem. Neste caso, ressalta-se que os participantes deram mais de uma resposta para a pergunta, conforme demonstrado no (Quadro 1).

**Quadro 1 - Capacitação para atuar com criança dislexa**

<b>Tipos de Capacitação</b>	<b>Quantidade de profissionais</b>
Palestras	11
Cursos (internos, externos e especializados)	9
Minicursos	3
Planejamentos	6
Seminários	4
Simpósio	1
Congresso	1
Workshops	1

Fonte: Pesquisa, (2016).

Assim, é importante compreender que “para atuar na educação especial, o professor deve ter como base da sua formação, inicial e continuada, conhecimentos gerais para o exercício da docência e conhecimentos específicos da área” (BRASIL, 2010, p. 25).

Neste caso, é necessário o profissional estar sempre em busca de conhecimentos, com o intuito de construir relações por meio de estratégias entre sua formação e atuação para que possa intervir no ambiente educacional que se encontra.

Os quadros demonstrados a seguir referem-se aos atendimentos oferecidos à criança dislexa (Quadro 2) e ao tipo de atendimento oferecido (Quadro 3).

**Quadro 2 - Áreas de atendimento**

<b>Área de atendimento</b>	<b>Número de profissionais</b>
Multissensorial	4
Psicomotricidade grossa	2
Psicomotricidade fina	2
Alfabetrando	2
Fonológico pedagógico	2
Linguagem computadorizada	1
Lógico-matemático	1
Musicoterapia	1
Psicopedagogia institucional	1
Psicologia	1
Não faz atendimento específico	2

Fonte: Pesquisa, (2016).

**Quadro 3 - Atendimento à criança dislexa**

<b>Atendimento</b>	<b>Número de profissionais</b>
Atividades que contribuem para a motricidade fina e grossa	4
Atividades lúdicas	2
Alfabetização em Aee	2
Consciência fonológica	2
Auxiliar professor	2
Aprendizagem a partir da música	1
Orientação de professores	1
Avaliação anamnese	1
Dificuldades lógico-matemáticas	1
Não respondeu	3

Fonte: Pesquisa, (2016).

De acordo com o Guia de Educação Especial (Minas Gerais, 2014), o atendimento oferecido tem que possibilitar condições para atender as especificidades das crianças dislexas, e que esse atendimento deve estar articulado à proposta pedagógica da escola com a finalidade de desenvolver melhor a cognição através de diversas atividades. Pode-se perceber que tanto a área de atendimento quanto a forma de atendimento à criança dislexa no CAEE atendem às necessidades e peculiaridades dos atendidos.

Os profissionais foram questionados sobre os sinais que indicam que a criança apresenta dislexia, neste caso, ressalta-se que os participantes deram mais de uma resposta para a pergunta, conforme demonstrado no (Quadro 4).

**Quadro 4 - Sinais que indicam dislexia**

<b>Características da criança dislexa</b>	<b>Quantidade de profissionais</b>
Dificuldade na leitura	18
Dificuldade na escrita	13
Déficit de atenção	9
Dificuldade de noção espacial e lateralidade	4
Dificuldade na fala	3
Discalculia e disgrafia	3
Desinteresse, baixa autoestima e dificuldade em seguir regras	3
Baixa retenção de informação e escassez de conhecimento	2

Fonte: Pesquisa, (2016).

Destaca-se que dos resultados obtidos, a maioria dos profissionais acreditam que os principais sinais que indicam que estamos perante uma criança dislexa são a dificuldade na escrita e na leitura.

Cunha (2013), afirma que a dislexia às vezes é confundida com déficit de atenção, problemas psicológicos ou desinteresse. E ainda, que a dislexia se caracteriza pela dificuldade na escrita e na leitura, e também, nas dificuldades em exercer tarefas relacionadas à coordenação motora.

De acordo com Rotta (2006, apud, CUNHA, 2013), alguns sinais são visíveis na criança dislexa como leitura e escrita incompreensíveis, confusões com letras de sons semelhantes, substituição de palavras, adição ou repetição de sílabas, dificuldade de compreensão textual, inversões de sílabas, entre outros. Diante de tais sinais, o profissional em atendimento à criança deve estar atento para solicitar que se faça um diagnóstico detalhado por um profissional habilitado.

Sobre as dificuldades que a criança dislexa apresenta, ressalta-se que os profissionais deram mais de uma resposta para a pergunta e a (Tabela 1) a seguir demonstra a quantidade e percentual das respostas referentes a cada dificuldade.

**Tabela 1 - Dificuldades que a criança dislexa apresenta**

	Quantidade de profissionais						Total	
	Sim		Não		Sem respostas		N	%
	N	%	N	%	N	%		
Motoras/ Postura	11	58%	6	32%	2	10%	19	100%
Escrita	18	95%	-	-	1	5%	19	100%
Visuais	14	74%	4	21%	1	5%	19	100%
Leitura	18	95%	-	-	1	5%	19	100%
Auditivas	3	16%	13	68%	3	16%	19	100%
Inteligência	4	21%	12	63%	3	16%	19	100%
Memória	11	58%	6	32%	2	10%	19	100%
Fonológicas	14	74%	2	10%	3	16%	19	100%
Fala	10	53%	6	32%	3	16%	19	100%

Fonte: Pesquisa, (2016).

As crianças dislexas apresentam sintomas que variam de criança a criança. Segundo Ellis (1995), pode-se suspeitar que muitos déficits se apresentam em diferentes formas de dislexia. Os déficits que envolvem habilidades cognitivas, incluindo processamento visual, conscientização fonológica e memória de curto prazo são citados como déficits principais na dislexia.

Fonseca (1995) explica que as crianças que tem dificuldade na leitura apresentam características globais de comportamento tais como: dificuldades no plano motor/postura como problemas de lateralização e de orientação no espaço e tempo, problemas de coordenação de movimentos, problemas de memória (memória imediata); dificuldades no plano auditivo, como dificuldade na compreensão das palavras, na discriminação ou identificação de sons familiares, dificuldade em articular sons; e no plano visual, dificuldades em perceber imagens, em fixar o olhar, em discriminar formas, tamanhos, cores, dificuldades em identificar sequencias visuais. O autor também explica que pode haver crianças dislexas que apresentam dificuldades psicomotoras e dislexos que não apresentam dificuldades de coordenação.

Ellis (1995) destaca que para a criança ser qualificada como dislexa, o Quociente Intelectual (QI) deve apresentar certo nível, dependendo do critério seletivo, existem crianças dislexas com QI igual ou superior a 80 e crianças dislexas com QI igual ou superior a 100. Acrescenta que é preciso convencer alguns dislexos e professores de que os problemas podem ser superados, ressaltando que os dislexos podem fazer muito no sentido de atingir seu potencial, apesar de sua dislexia.

Desta forma, é possível perceber que os profissionais desconhecem que a dislexia também pode estar relacionada a uma dificuldade auditiva, sendo que apenas três profissionais afirmaram que sim e treze profissionais negaram.

Quanto aos diferentes tipos de dislexia, o (Quadro 5) abaixo apresenta as respostas dos profissionais, considerando que deram mais de uma resposta para a pergunta.

**Quadro 5 - Tipos de dislexia**

<b>Tipos de dislexia</b>	<b>Número de profissionais</b>
Disfonética	8
Diseidética	9
Mista	12
Disgrafia	7
Discalculia	8
Não respondeu	3

Fonte: Pesquisa, (2016).

Ellis (1995), explica os dislexos disfonéticos como sendo muito fracos na decodificação fônica e com um vocabulário limitado de palavras; os dislexos diseidéticos como leitores analíticos e na dislexia mista a dificuldade tanto na leitura quando na escrita.

Para Cunha (2013), associadas à dislexia, tem-se a discalculia e disgrafia, sendo a primeira relacionada à dificuldade de identificar e classificar os números e realizar cálculos mentais e a segunda, uma dificuldade na alteração da escrita, ligada a problemas de percepção motora. Percebe-se que a maioria dos profissionais tem conhecimento dos tipos de dislexias existentes e sabem identificá-las.

Os profissionais foram questionados se para trabalhar com a criança dislexa os atendentes precisam ter características específicas, treze deles responderam que sim, quatro que não e dois não responderam. E ainda foram questionados sobre quais características deveriam ter. Ressaltando que deram mais de uma resposta para a pergunta, seis profissionais responderam especialização, seis responderam paciência, dois conhecimento, dois capacitação, dois carinho e um, flexibilidade e concentração.

No processo de ensino e aprendizagem é essencial que o professor tenha uma boa relação com seu aluno. De acordo com Cunha (2013) é importante que o professor busque conhecimento entre as diversas teorias pedagógicas para ampliar e complementar seu saber, de modo que possa orientar sua prática. Fonseca (1995, p. 353) esclarece que:

Para nos apercebemos desses problemas e, no sentido de podermos intervir, devemos estar aptos a construir elementos de diagnóstico ou identificação visual e auditiva, a fim de conhecermos profundamente a criança, antes de orientarmos a sua aprendizagem, de acordo com as suas necessidades específicas, que também devem ser conhecidas antecipadamente.

Dessa forma, para se trabalhar com criança dislexa é necessário que o profissional tenha conhecimento para intervir adequadamente no momento certo e na dificuldade apresentada, que estabeleça uma relação de afetividade e respeito com a criança dislexa, que acredite no potencial desta criança e que a valorize.

Quando questionados se a criança dislexa aprende da mesma maneira que as outras crianças, dois profissionais responderam que sim, doze responderam que não e cinco profissionais responderam às vezes.

Cunha (2013, p.110), afirma que “precisamos compreender que a dislexia abarca, também, um jeito diferente de aprender e de ser”. Ainda de acordo com o autor, os dislexos devem ter diferentes oportunidades, aproveitando todos os seus traços peculiares.

A criança dislexa não aprende da mesma maneira que as outras, contudo é preciso fazer adaptações durante o processo de ensino e aprendizagem. Percebe-se que a maioria dos profissionais tem consciência de que a criança dislexa não consegue aprender da mesma maneira que as outras. Porém, existem alguns que afirmam o contrário, o que pode dificultar o processo de aprendizagem quando não consideram suas individualidades e peculiaridades.

Ao serem questionados das práticas indicadas e adotadas para se trabalhar com uma criança dislexa os profissionais deram mais de uma resposta para a pergunta, como demonstrado no (Quadro 6).

**Quadro 6 - Práticas adotadas pelos profissionais**

<b>Práticas</b>	<b>Número de profissionais</b>
Atividades lúdicas e jogos didáticos pedagógicos	10
Material concreto e adaptado	7
Utilização de imagens, linguagem estruturada e interpretação	6
Rota fonológica	4
Atividades de coordenação motora fina e grossa	3
Atendimento individual e valorização da criança	2
Aulas laboratoriais	1

Fonte: Pesquisa, (2016).

Cunha (2013) explica uma série de orientações para o professor trabalhar com a criança dislexa, como utilização de materiais sensoriais; propor pequenas tarefas; falar com a

criança mantendo contato visual; evitar o excesso de conteúdo; incentivar a criança; adaptar currículo, provas e conteúdos; utilizar de uma linguagem mais objetiva; trabalhar com contação de histórias; dentre outras.

Fonseca (1995) indica algumas estratégias educacionais para a aprendizagem da criança dislexa como a utilização de métodos analíticos e fônicos, associação de sons, valorização da velocidade de discriminação visual, dentre outros. Conforme o indicado é essencial que os profissionais utilizem de diversas práticas que possam contribuir para a aprendizagem do dislexo. Nota-se no resultado que ainda pode ser acrescentado ao praticado pelos profissionais do CAEE outras orientações e estratégias, ainda mais diversificadas e adaptadas às necessidades das crianças.

Quando questionados se existe atendimento individual a criança dislexa, quatro profissionais responderam que sim, seis que não e nove que às vezes. E quanto ao tipo de atividade que favorece a criança dislexa, ressaltando que deram mais de uma resposta para a pergunta, dezenove profissionais responderam individual, dezessete, grupal e dezesseis, coletiva.

De acordo com o Guia da Educação Especial (Minas Gerais, 2014), o atendimento educacional especializado pode ocorrer em pequenos grupos ou até mesmo no coletivo ou individual, desde que quando grupal ou coletivo as crianças tenham necessidades educacionais semelhantes. Percebe-se que todos os profissionais têm conhecimento e consciência de qual o tipo de atividade favorece a criança dislexa. Porém, vale ressaltar que é importante para o desenvolvimento da criança dislexa que ela interaja com os outros colegas.

Quanto às práticas adotadas que apresentam melhor resultado para a criança dislexa, o (Quadro 7) abaixo demonstra-as com suas devidas justificativas.

**Quadro 7 - Práticas de melhor resultado**

<b>Práticas</b>	<b>Justificativa</b>	<b>Nº de profissionais</b>
Todas as práticas	Para a compreensão e entendimento da criança dislexa devem ser usados mais de um método de ensino e apresenta melhor resultado.	6
Atividades lúdicas e jogos	A criança se desenvolver e compreende melhor.	4
Interpretação e uso de imagens	Por apresentar bons resultados, além de incentivar e explorar as possibilidades das crianças.	3
Material concreto e adaptado	As crianças manipulam e facilita o aprendizado.	3
Valorização da criança e do progresso individual	A criança se sente motivada dessa forma.	1
Não responderam	-	2

Fonte: Pesquisa, (2016).

De acordo com o Guia da Educação Especial (Minas Gerais, 2014, p. 17) “o professor poderá realizar atividades que estimulem o desenvolvimento dos processos mentais: atenção, percepção, memória, raciocínio, imaginação, criatividade, linguagem, dentre outros”.

Cunha (2013) afirma que o uso da ludicidade na sala de aula é um elemento fundamental para socialização da criança, permitindo também que a criança possa aprender brincando e que o uso de objetos possibilita o contato com a criança e é uma maneira de comunicação. O profissional deve utilizar de diferentes práticas para possibilitar a aprendizagem da criança dislexa, destacando que independente da dificuldade da criança o ideal é partir do concreto e do real.

Ao serem questionados se utilizavam algum material específico para a aprendizagem da criança dislexa, doze profissionais responderam que sim, quatro que não, dois às vezes e um não respondeu. E quanto a quais materiais utilizavam para o processo de aprendizagem da criança dislexa, o (Quadro 8) abaixo relaciona-os, considerando que deram mais de uma resposta para a pergunta.

**Quadro 8 - Materiais específicos**

<b>Materiais</b>	<b>Número de profissionais</b>
Jogos pedagógicos e atividades lúdicas	8
Material concreto e adaptado	6
Imagens e textos	3
Planilha inclinada e caderno com pauta	1
Rota fonológica	1
Tecnologia de informação e comunicação	1

Fonte: Pesquisa, (2016).

Os recursos pedagógicos utilizados tem que eliminar as barreiras existentes para a aprendizagem da criança dislexa e promover a participação delas durante as atividades, destacando que as atividades desenvolvidas e os materiais utilizados diferenciam da escola comum e servem de base para a construção dos conhecimentos das mesmas (BRASIL, 2010).

Ellis (1995) indica várias estratégias para se trabalhar com crianças dislexas, uma delas é a utilização de ilustrações ou títulos, pois ajudam a compreender o texto; outras estratégias que contribuem para a compreensão é sublinhar, tomar notas ou realizar resumos. E outra abordagem seria a melhoria do vocabulário através da compreensão do que as crianças entendem.

Vários materiais podem ser utilizados para a aprendizagem da criança dislexa. Para isso o profissional, de acordo com sua área de atuação, deve selecionar quais estratégias e

também quais materiais serão os mais indicados para cada criança especificamente ou para cada grupo de crianças com dificuldades semelhantes.

Quando questionados se os recursos didáticos eram adaptados para a aprendizagem da criança dislexa, catorze profissionais responderam que sim, quatro responderam que às vezes, e um não respondeu.

O Guia da Educação Especial (Minas Gerais, 2014), especifica como uma das atribuições do profissional garantir a utilização de materiais adaptados para contribuir para a aprendizagem da criança dislexa.

A adaptação dos materiais é essencial para a criança dislexa, por meio dos dados coletados é possível verificar que alguns profissionais realizam essa adaptação.

Os profissionais foram questionados também sobre como ocorre a avaliação da criança dislexa. Os instrumentos estão citados no (Quadro 9) abaixo, ressaltando que foram dadas mais de uma resposta à pergunta.

**Quadro 9 – Tipo de avaliação**

<b>Tipos</b>	<b>Número de profissionais</b>
Observação e registro	17
Entrevista anamnese	2
Avaliação diagnóstica e trimestral	1
Avaliação oral	1

Fonte: Pesquisa, (2016).

Cunha (2013) afirma que a observação consiste em perceber e registrar o que vê, e que é a partir da observação e do registro que poderá se obter uma avaliação da criança. A forma de registro pode ser através de cadernos, fotos, relatórios, dentre outros.

Ainda de acordo com o autor, a avaliação visa a atingir vários objetivos que são direcionados ao progresso da criança e considera como estratégia avaliativa a entrevista com os pais e anamnese da criança, como também os recursos pedagógicos utilizados em sala de aula que, juntamente com os registros feitos por meio da observação, possibilitarão realizar estudos avaliativos que contribuirá para criar estratégias de atuação. Por meio do resultado obtido, percebe-se que os profissionais utilizam das devidas estratégias para a avaliação dos avanços no desenvolvimento e aprendizagem da criança dislexa.

## 5. Considerações Finais

Este estudo possibilitou identificar a dislexia como um distúrbio neurobiológico caracterizado pela dificuldade de processamento fonológico da linguagem, comprometendo a capacidade da criança de aprender a ler e escrever e também de compreender um texto. A dislexia pode ser diagnosticada no período inicial de escolarização, por isso a importância dos profissionais conhecerem e saberem sobre este distúrbio, para que se possa fazer um diagnóstico inicial por um profissional habilitado. É importante estar atento às diversas dificuldades que a criança dislexa apresenta para fazer as intervenções devidas e adequadas.

Verificou-se que os profissionais atuam de maneira interventiva no processo de aprendizagem da criança dislexa, iniciando com o procedimento de entrevista de anamnese para se conhecer o histórico da criança e através dele saber de onde partir para ajudá-la.

Para atender à necessidade da criança utilizam de diversas metodologias, recursos e materiais, muitas vezes adaptados à dificuldade apresentada pela criança. Além disto, o trabalho com o lúdico se apresenta como preponderante na atuação dos mesmos. Cabe ressaltar a importância dos materiais e recursos didáticos serem adaptados à criança dislexa, visto que possui inteligência normal e que aprende de uma maneira diferente das outras crianças.

Em relação ao processo de aprendizagem da criança dislexa, os profissionais apresentam certo grau conhecimento quando se trata de intervir frente a esta criança, de utilizar metodologias diferenciadas e de estimular a realização das atividades propostas.

As metodologias mais adotadas pelos profissionais são: rota fonológica, atividades lúdicas, jogos didáticos pedagógicos, materiais adaptados e concretos, atividades de coordenação motora fina e grossa e atividades com utilização de imagens e linguagem estruturada.

A avaliação das crianças dislexas é um importante meio para averiguar a aprendizagem. Os dados apontam que, no CAEE os profissionais verificam a aprendizagem em relação aos conteúdos de acordo com cada área de atendimento de forma contínua e processual, permitindo a eles saber o momento e como prosseguir, melhorar, adaptar e aprimorar.

Os profissionais do CAEE atuam de forma interdisciplinar e as metodologias utilizadas por eles estão de acordo com os autores estudados, destacando que o trabalho em um Centro de Atendimento Especializado requer um profissional que seja paciente, carinhoso e afetivo com a criança que apresenta necessidades especiais.

Para ocorrer processo de aprendizagem da criança dislexa necessita-se de um envolvimento do profissional educador e o comprometimento com a busca e pesquisa sobre as diversas medidas de intervenção que possa contribuir para que a aprendizagem desta criança ocorra de forma a contribuir com sua inserção na escola regular e na sociedade como um todo.

## REFERÊNCIAS

Associação Brasileira de Dislexia. O que é a dislexia. São Paulo, 2016. Disponível em <[www.dislexia.org.br](http://www.dislexia.org.br)> Acesso em: 31 mai, 2016.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, DF, 20 de dez. 1996. Disponível em <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm)> Acesso em: 18 out, 2016.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Marcos Políticos-Legais da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: Secretaria de Educação Especial, 2010. Disponível em <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=6726-marcos-politicos-legais&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=6726-marcos-politicos-legais&Itemid=30192)> Acesso em: 18 out, 2016.

CUNHA, Antonio Eugênio. **Práticas pedagógicas para a inclusão e diversidade**. 3. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2013.

DOURADO, M.B.; SCHMID, E.; CHIAPPETTA, A.L.M.L. Consciência fonológica em disléxicos. Revista CEFAC, [S.l.], v. 7, n. 4, p. 415-418, out- dez, 2005. Disponível em <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=169320507003> > Acesso em: 12 ago, 2016.

ELLIS, Andrew W. **Leitura, escrita e dislexia: uma análise cognitiva**. 2. ed. Tradução de Dayse Batista. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

FARRELL, Michael. **Dislexia e outras dificuldades de aprendizagem específicas: guia do professor**. Porto Alegre: Artmed, 2015. Disponível em <<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788536315614/first>> Acesso em: 12 ago, 2016.

FONSECA, Vitor da. **Introdução às dificuldades de aprendizagem**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. p. 70-79; 318-353.

\_\_\_\_\_. Dislexia, cognição e aprendizagem: uma abordagem neuropsicológica das dificuldades de aprendizagem da leitura. Revista Psicopedagógica, São Paulo, v. 26, n. 81, p. 339-356, 2009. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010384862009000300002](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010384862009000300002)> Acesso em: 12 ago, 2016.

GUIMARAES, Sandra Regina Kirchner. Dislexias adquiridas como referência para a análise das dificuldades de aprendizagem da leitura. Educar em revista, Curitiba, n. 23, p. 285-306, jan- jun, 2004. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010440602004000100017&lng=pt&nrm=iso&tlng=en](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010440602004000100017&lng=pt&nrm=iso&tlng=en) > Acesso em: 25 mai, 2016.

GONCALVES, Thaís dos Santos; CRENITTE, Patrícia Abreu Pinheiro. Concepções de professoras de ensino fundamental sobre os transtornos de aprendizagem. Revista CEFAC, São Paulo, v. 16, n. 3, p. 817-829, mai-jun, 2014. Disponível em <

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-18462014000300817&lng=pt&nrm=iso&tlng=en](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-18462014000300817&lng=pt&nrm=iso&tlng=en)> Acesso em: 16 mai, 2016.

LAKATOS, E.M; MARCONI, M.A. **Metodologia do trabalho científico**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1992. p. 83-112; 155-199.

IBGE- **Estimativas populacionais para os municípios brasileiros**, 2010. Disponível em <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=316990>> Acesso em: 18 out, 2016.

Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais. **Guia de |Orientação da educação especial na rede estadual de ensino de Minas Gerais**. Minas Gerais, 2014. Disponível em <[http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:E4rwMq8f\\_\\_oJ:passos.apaebrasil.org.br/arquivo.phtml%3Fa%3D23700+&cd=2&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br](http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:E4rwMq8f__oJ:passos.apaebrasil.org.br/arquivo.phtml%3Fa%3D23700+&cd=2&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br)> Acesso em: 18 out, 2016.

OLIVEIRA, A.M; CARDOSO, M.H; CAPELLINI, S.A. Caracterização dos processos de leitura em escolares com dislexia e distúrbio de aprendizagem. Revista sociedade brasileira de fonoaudiologia, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 201-207, 2012. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-80342012000200017&lng=pt&nrm=iso&tlng=en](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-80342012000200017&lng=pt&nrm=iso&tlng=en)>. Acesso em: 24 mai, 2016.

PESTUN, M.S. V.; CIASCA, S.; GONCALVES, V. M. G. A importância da equipe interdisciplinar no diagnóstico de dislexia do desenvolvimento: relato de caso. Arq. Neuro-Psiquiatr., São Paulo, v. 60, n. 2A, p. 328-332, jun.2002. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0004-282X2002000200029&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0004-282X2002000200029&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt)> Acesso em: 16 mai, 2016.

SAMPIERI, R.H; COLLADO, C.H; LUCIO, P.B. **Metodologia de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Mcgraw-Hill, 2006.

SIGNOR, Rita. Dislexia: uma análise histórica e social. Revista brasileira de linguística aplicada, Belo Horizonte, v. 15, n. 4, p. 971-999, out-dez. 2015. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1984-63982015000400971&lng=pt&nrm=iso&tlng=en](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-63982015000400971&lng=pt&nrm=iso&tlng=en)>. Acesso em: 03 mai, 2016.

**ANEXO I**  
**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**  
**(Atendimento a Resolução 466 de 12/12/2012 do Conselho Nacional de Saúde/MS)<sup>1</sup>**

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa **“O processo de aprendizagem do aluno dislexo”**, a ser realizado pelo curso de Pedagogia da Faculdade Presidente Antônio Carlos-FUPAC/Ubá.

- Neste estudo pretendemos analisar **como ocorre o processo de aprendizagem do aluno dislexo no espaço escolar. Além disso, compreender a atuação do professor frente ao aluno dislexo; verificar as metodologias adotadas para os alunos dislexo; analisar o resultado alcançado pelo aluno dislexo na aprendizagem dos conteúdos e verificar os recursos didáticos disponíveis para o trabalho com o aluno dislexo.**
- Justifica-se a pesquisa diante da importância **desse tema como contribuição para informação aos educadores e responsáveis sobre como lidar com crianças dislexas, e também colaborar para o estudo no desenvolvimento da aprendizagem desses alunos.**
- Para este estudo adotaremos os seguintes procedimentos: O questionário (instrumento da pesquisa) será aplicado **ao voluntário(a) através de seu consentimento livre, contendo perguntas objetivas e subjetivas que servirão de base para coleta de dados e informação para o tema aqui exposto. O voluntário(a) terá o prazo de três dias para devolver o questionário a pesquisadora.**
- Para participar deste estudo você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira;
- Você será esclarecido(a) sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar, estando o telefone **(32)999092687 e e-mail lorena.dsilva@outlook.com, da pesquisadora Lorena Silva** à sua disposição para comunicar qualquer dúvida ou desistência de participação;
- Dentro desta premissa, todos os participantes são absolutamente livres para, a qualquer momento, negar o seu consentimento ou abandonar o programa se assim o desejar, sem que isto provoque qualquer tipo de penalização;
- A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido(a) pelo pesquisador;
- O pesquisador irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo;
- Você não será identificado em nenhuma publicação que possa resultar desse estudo;
- Durante a realização do teste não há possibilidade de ocorrerem problemas, riscos ou desconforto devido à intervenção do pesquisador;
- Apesar disso, você tem assegurado o direito a ressarcimento ou indenização no caso de quaisquer danos eventualmente produzidos pela pesquisa;
- Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada;
- Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão;
- Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável, por um período de 5 anos, e após esse tempo serão destruídos;
- Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você.

Eu, \_\_\_\_\_, portador(a) do documento de identidade \_\_\_\_\_, após a leitura do presente Termo, e estando de posse de minha plenitude mental e legal, ou da tutela legalmente estabelecida sobre o participante da pesquisa, declaro expressamente que entendi o propósito do referido estudo e, estando em perfeitas condições de participação, dou meu consentimento para participar livremente do mesmo.

---

Assinatura do(a) Participante

---

Lorena da Silva  
 lorena.dsilva@outlook.com

<sup>1</sup> Esta Resolução altera a anterior (Nº 196/96), aprovando as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>>. Acesso em: 14 Ago. 2015.

---

Maria Alice Abranches ([mariaalicebranches@hotmail.com](mailto:mariaalicebranches@hotmail.com)) - Orientadora

Ubá, 9 de setembro de 2016.

**ANEXO II**



**Fundação Presidente Antônio Carlos – FUPAC**  
**Faculdade Presidente Antônio Carlos de Ubá**  
[www.ubafupac.com.br](http://www.ubafupac.com.br)

**Local:** \_\_\_\_\_

**Data:** \_\_\_/\_\_\_/20\_\_

**Segmento pesquisado:**

Ensino Fundamental – 1º ao 5º ano       Educação Infantil       Educação Especial

**Profissional entrevistado (área de formação):** \_\_\_\_\_

**Instituição:**

Pública Estadual       Pública Municipal       Privada

**Identificação**

**Idade:**

20 a 30 anos       31 a 40 anos  
 41 a 50 anos       51 a 60 anos       + de 61 anos

**Sexo:**

Feminino       Masculino

**Formação:**

Superior       Pós-Graduado  
 Mestre       Outro \_\_\_\_\_

Tempo de atuação em sua área de formação: \_\_\_\_\_

1- Durante sua graduação, teve alguma formação específica na área da dislexia?

Sim       Não

2- Teve formação extracurricular em dislexia?

Sim       Não

3- Você recebe alguma capacitação para atuar com as crianças dislexos?

Sim       Não       Às vezes

Se sim, quais e como?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

4- Em qual área você faz atendimento à criança dislexa? Quais os atendimentos oferecidos em sua área de atendimento?

---



---

5- Quais sinais indicam que estamos perante uma criança disléxica?

---



---



---

6- Considera que na dislexia existem dificuldades:

DIFICULDADES	SIM	NÃO
Motoras/ Postura		
Escrita		
Visuais		
Leitura		
Auditivas		
Inteligência		
Memória		
Fonológicas		
Fala		

7- Existem diferentes tipos de dislexia. Assinale qual ou quais você atende?

<input type="checkbox"/>	Dislexia Disfonética – Dificuldades para ler palavras desconhecidas.
<input type="checkbox"/>	Dislexia Diseidética ou Disortografia – Leitura lenta, silabada com presença de fragmentação das palavras.
<input type="checkbox"/>	Dislexia Mista – Dificuldade de leitura e escrita.
<input type="checkbox"/>	Disgrafia – Dificuldade na escrita.
<input type="checkbox"/>	Discalculia – Dificuldade para compreender e aprender matemática.

8- Para se trabalhar com crianças disléxicas, o atendente precisa possuir alguma característica específica?

Sim  Não

Qual? \_\_\_\_\_

9- A criança disléxica aprende da mesma maneira do que as outras crianças?

Sim  Não  Às vezes

10- Que práticas são indicadas e adotadas para se trabalhar com crianças disléxicas? Cite no máximo 4 (quatro)

---



---



---

11- Das práticas que você citou para trabalhar com estas crianças, cite a que apresentou melhor resultado e justifique.

---

---

---

---

12- Existe atendimento individual para a criança dislexa?

- Sim  Não  Às vezes

13- Qual tipo de atividade favorece a aprendizagem da criança?

- Individual  Coletiva  Grupal

14- Você utiliza algum material específico para aprendizagem da criança dislexa?

- Sim  Não  Às vezes

15- Se sim, quais?

---

---

---

16- Os recursos didáticos utilizados para a criança dislexa são adaptados?

- Sim  Não  Às vezes

17- Como é realizada a avaliação das crianças com dislexia?

---

---

---

---

***OBRIGADA POR RESPONDER A ESTE QUESTIONÁRIO.***